

BERNARDO CARVALHO: O ESCRITOR COMO CRÍTICO

Marcos Torres (PIBIC/CNPq/UFBA)^{1 2}

Resumo: O principal intento deste trabalho é refletir sobre a dupla posição de Bernardo Carvalho como escritor e crítico no panorama da literatura contemporânea. Gostaríamos, portanto de refletir sobre algumas estratégias da construção da *persona* autoral de Bernardo Carvalho no cenário literário brasileiro. O ponto de partida é o livro **O mundo fora dos eixos** de Bernardo Carvalho que constitui uma seleção de textos, isto é, uma coletânea de crônicas, resenhas e alguns textos que o autor denomina de ficções, publicados quinzenalmente no jornal Folha de São Paulo, no suplemento *ilustrada* entre os anos de 1995 e 2005. Nosso objetivo é recortar posições, opiniões e críticas apresentadas ao longo de algumas das resenhas publicadas nesse livro, a fim de tentar reconstruir, por meio desses diferentes pontos de vista que emergem nos textos críticos, a visão de Bernardo Carvalho sobre a arte e mais especificamente sobre a literatura. Explicando melhor: gostaríamos de trazer para debate o olhar do crítico sobre a literatura, a fim de compreender melhor como se configura sua posição/condição como autor da cena literária contemporânea.

Palavras-chave: Literatura, Autoria, Bernardo Carvalho.

Essa apresentação integra uma proposta mais ampla do trabalho de iniciação científica que desenvolvo atualmente e está atrelada ao projeto de pesquisa de minha orientadora, professora Dra. Luciene Azevedo, e que diz respeito a uma investigação sobre o conceito de autoria na contemporaneidade, mais especificamente sobre o modo como a figura de autor se inscreve na contemporaneidade, bem como se configura a construção de uma carreira de autor. O propósito da investigação não é dissecar a vida real do autor, voltando ao velho biografismo, mas investigar o surgimento de um nome de autor à medida que esse sujeito se lança no mercado literário para analisar o percurso de sua escrita, de sua obra, privilegiando o modo como o autor inscreve-se nos circuitos literários do contemporâneo, acompanhando a biografia de sua obra. Pois, diante da cena literária atual, acreditamos que é possível repensar a volta do autor a partir de um contexto histórico diferenciado, considerando os circuitos de circulação da obra literária.

Na imensa seara contemporânea, o recorte escolhido se propõe a refletir sobre a figura do escritor e crítico Bernardo Carvalho, mais especificamente sobre algumas de suas posições críticas sobre o campo literário contemporâneo.

Para tanto, o ponto de partida é o livro **O mundo fora dos eixos** que constitui uma seleção de textos, isto é, uma coletânea de crônicas, resenhas e alguns textos que o autor denomina de ficções, publicados quinzenalmente no jornal Folha de São Paulo, no suplemento *Ilustrada* entre os anos de 1995 e 2005. Dentre a já considerável obra ficcional do autor, a seleção de **O Mundo fora dos eixos** justifica-se porque aí será possível acompanhar os pontos de vista de Bernardo Carvalho, manifestos explicitamente, sobre a literatura e a produção cultural contemporânea.

Nosso objetivo é recortar diferentes pontos de vista que emergem nos textos a fim de destacar a visão sobre a literatura expressa por Bernardo Carvalho nesse livro. Explicando melhor: nesse primeiro momento, gostaríamos de trazer para debate o olhar do crítico sobre a própria literatura, a fim de compreender melhor, através da análise de suas afinidades eletivas, suas preferências e gostos como se configura sua posição/condição como autor na cena literária contemporânea.

Podemos dizer que a bibliografia do autor Bernardo Carvalho começou em 1993, quando então publicou o seu primeiro livro de contos, **Aberração**; em seguida Bernardo Carvalho começou a publicar uma

¹ Orientadora: Dra. Luciene Almeida de Azevedo - PIBIC/CNPQ.

² E-mail: marcos.let.ufba@hotmail.com

série de romances e, mais recentemente, esteve envolvido com projetos que lhe possibilitaram fazer viagens se deslocando pelo mundo em busca de novas histórias, às vezes sob patrocínio, como é o caso do projeto *Amores Expressos*³. Atualmente, escreve em um diário numa coluna do blog *IMS* do Instituto Moreira Salles⁴.

Agora gostaria de selecionar quatro crônicas que comentam mais especificamente a arte e a literatura, para traçar um perfil inicial do entendimento de alguns dos elementos do campo literário contemporâneo por Bernardo Carvalho, a partir de sua atuação como crítico.

A arte em vias de extinção

Na primeira crônica de **O Mundo fora dos eixos**, intitulada “A arte ainda não acabou”, o autor tematiza a veneração atual aos artistas, principalmente aos escritores. Segundo Carvalho, há, na contemporaneidade, certo endeusamento do artista como se ele fosse diferente do resto das pessoas comuns. A arte moderna desviou-se da sacralização, atrelada ao dogmatismo religioso, para dar o devido reconhecimento e liberdade de criação ao artista. Mas o culto dessa individualidade trouxe algumas consequências negativas para a arte, expostas de forma assertiva por Carvalho nessa crônica. Analisando o contemporâneo, o autor arrisca que a individualidade do artista é privilegiada em detrimento de sua arte, que vai sendo desvalorizada a cada dia.

Para Carvalho, tal perspectiva desmerece a Literatura defendida como trabalho com a palavra, trabalho ficcional, produto reflexivo e não utilitário, que repudia as regras de mercado e/ou a tutela da mídia e dos grandes meios de comunicação que valorizam apenas o espetáculo criado para promover a imagem do artista, em detrimento da obra.

Citando Glauber Rocha e ainda os filmes de Godard e Antonioni, além dos livros de Joyce, Kafka e Beckett, Carvalho reconhece que esses artistas, entre tantos outros, não poderiam existir numa sociedade que não reconhecesse sua diferença e individualidade, no entanto, a grande ironia da modernidade, na opinião do escritor-crítico é que um dos desdobramentos da “arte de mercado” foi justamente transformar todo mundo em artista, ao igualar a arte a um produto como outro qualquer.

Se a “dessacralização” da arte foi positiva também foi capaz de levar a uma aporia: pois submete, muitas vezes, a arte a uma utilidade que pode ser facilmente encontrada nas prateleiras dos supermercados ou na bancas dos jornais, como um mero produto utilitário ou pragmático. O autor arrisca-se em explicitar a motivação de tal exigência de utilidade para a arte, afirmando que “há ainda um desrespeito crescente pelo que não se compreende: o desconhecido é sempre inútil e a inutilidade é o grande fator libertário da arte” (2005, p. 23)

Como a arte é um produto “não-utilitário”, pois opera como objeto estético, criativo, inventado e nascido das mãos de um artífice, segue numa outra direção muito diferente da arte elogiada pelo mercado.

A visão pessimista sobre o contemporâneo, arrisca-se a um diagnóstico apocalíptico: “o desconforto provocado pela arte nos últimos cem anos muitas vezes levou a uma vontade de extingui-la. É uma vontade cíclica” (2005, p. 22-23).

³ Trata-se do Blog patrocinado pela Companhia das Letras, *Amores expressos*. É um Projeto em que diversos escritores tiveram que ir para diversas localidades ao redor do mundo a fim de que pudessem desenvolver uma história de amor. Nesse panorama, surge a idéia de propor a dezesseis autores brasileiros, de diferentes gerações, que escrevam histórias de amor, cada um isolado em uma cidade ao redor do mundo, servindo de cenário e inspiração para suas narrativas. “Acreditamos”, segundo idealizadores desse projeto, “que o conjunto final dos textos formará um rico mosaico literário, retratando em diferentes instantâneos o estado das relações e do amor contemporâneo pelo planeta. O nosso objetivo era tentar mergulhar no momento criativo do escritor e registrar o que ele estava vivendo em busca de uma história de amor numa cidade estranha à sua.”

⁴ Novo projeto de Bernardo Carvalho patrocinado pelo Instituto Moreira Salles. Dentro desse projeto, Bernardo Carvalho também escreve num diário semanalmente direto de Berlim, numa coluna do blog do IMS como parte do seu contrato.

Mas leiamos um pouco mais outra crônica em que Carvalho é mais explícito a respeito de seu entendimento sobre a Literatura.

Literatura como visão de mundo

Em “Os neoconservadores da literatura”, partindo do comentário à obra do escritor Willian Gaddis, tomada como exemplo de inovação, Carvalho refere-se ao livro **Agape agape** e à sua forma fragmentada que é realçada pela utilização da técnica do fluxo de consciência. A evocação ao autor americano serve como exemplo para ilustrar a oposição entre a “arte imitativa” e a “arte inventiva”, proposta pelo crítico. Segundo Carvalho, o livro de Gaddis “é um monólogo de frases entrecortadas e pensamentos interrompidos, o fluxo de consciência de um escritor que, à beira da morte, tem pressa de dizer tudo o que sabe sobre o mundo que está prestes a deixar” (2005, p. 25).

Em oposição a esse procedimento de escrita, Carvalho evoca outro escritor contemporâneo, Jonathan Franzen, e rapidamente o associa ao que chama de “arte imitativa” e a um estilo neoconservador. Para o crítico, Franzen quer dar à arte uma função utilitária, exigindo dela entretenimento, através da defesa que faz apelando ao retorno à boa narrativa concentrada na descrição “da vida interna dos personagens e de suas emoções” (2005, p. 27). Enquanto isso, Gaddis busca a liberdade do romance como uma força criativa capaz de tudo. É nesse sentido que argumenta:

O romance é o que se faz dele, e as possibilidades são infinitas. Um bom romance não precisa ser necessariamente, como querem Franzen e outros neoconservadores, uma boa história com personagens psicologicamente bem construídos e verossímeis. Pode ser também um livro sem história, em que os personagens são pretextos para o desenho de uma visão de mundo. (2005, p. 27)

Segundo Carvalho, o desejo de ‘apenas’ uma boa história está atrelado a um consenso neoconservador que atinge vários campos da vida contemporânea e cujo grande articulador denomina-se mercado, que, em relação à literatura, avaliza grandes tiragens e a celebração do livro como uma mercadoria altamente lucrativa, desvalorizando a reflexão do leitor e a elaboração criativa do autor, já que “um livro é descartado como ‘chato’ sem que se leve em conta o fato de essa busca poder ser muito mais significativa do que o produto agradável que somente reproduz as normas” (2005 p. 27-28). Para continuar a valer a pena, o romance tem de apontar para uma nova busca de sentido e interpretação de mundo, e não simplesmente funcionar a partir de normas e regras, na opinião do crítico-escritor.

Aqui, vemos realçado o ponto de vista elaborado na primeira crônica analisada. A Literatura na contemporaneidade parece desvalorizada por uma concepção utilitária e mercadológica que predomina e desacredita o trabalho com a invenção, que para o crítico, justifica a existência do texto literário.

Mas vejamos ainda mais um exemplo.

“*Não me toques*” é uma crônica que evoca uma parábola bíblica como ilustração para discutir sobre a diferença entre fé e crença, no âmbito da literatura. Discutindo um texto do filósofo francês Jean-Luc Nancy que evoca a figura de Tomé que precisava ver para crer, Carvalho afirma que tal postura é própria da crença, mas que a arte moderna exige fé, pois “O principal não está lá. Tudo depende do espectador. Tudo está no seu olhar” (2005, p. 69).

Para Carvalho, a desconfiança provocada pela literatura e a arte modernas, tem levado a acreditar que são incompreensíveis e arbitrarias. Há certo incômodo contemporâneo com a ausência e o vazio, principalmente para aqueles que, como São Tomé, só acreditam vendo. Para Carvalho, a crença em arte leva a uma arte alegórica que se perde na busca ilusória de uma verdade, como faz o crente, por isso lemos a crítica à busca desenfreada por dados referenciais da realidade na leitura da ficção, pois impera a

crença no verídico e factual, que Carvalho identifica em muitos comentários sobre Literatura na contemporaneidade.

A partir dessa oposição entre crença e fé, Carvalho constrói uma metáfora para a compreensão do literário. Segundo o autor, a literatura exige fé do leitor que deve firmar com o texto um pacto ficcional a partir da coerência interna construída pela obra. A crença, ao contrário, realçaria o conceito de similitude e verdade em que a exigência da remissão ao factual responderia aos anseios exteriores à obra. O autor aponta que a literatura é a arte da ausência que não dá nenhuma segurança de uma realidade tangível, mas que trabalha no exato oposto, isto é, no vazio deixado no texto pela ausência de uma verdade única.

Partindo dessa definição do literário, podemos acrescentar a discussão sobre a tendência contemporânea de aproveitar dados referenciais ligados à biografia do escritor para entendermos melhor como se posiciona o autor em relação à mescla entre ficção e realidade.

O velho biografismo repudiado

A crônica “O romance do romance”, trata de uma resenha de 1937 sobre a tradução alemã da obra de Cao Xueqin, autor de **O sonho do Pavilhão Vermelho**.

O autor argumenta que esse é um livro monumental, afirmando ainda que a história de vida de Cao Xueqin é tão incrível quanto o romance. Carvalho realça que o interesse dessa história fantástica está na relação híbrida entre a ficção e a vida de Cao Xueqin, embora pouco se saiba sobre esta. **O sonho do Pavilhão Vermelho** foi o romance mais importante escrito na China em todos os tempos. Cao supostamente dedicou dez anos de sua vida na produção desse romance; um livro que deixou quase terminado antes de morrer, em 1763 ou 1764, aproximadamente. Ao longo do tempo o livro se tornou um sucesso e vendeu mais de 100 milhões de cópias.

Segundo carvalho,

O livro [...] circulou em cópias manuscritas, primeiro entre os amigos e membros da família do escritor e depois entre uns poucos eruditos e colecionadores. As cópias manuscritas comercializadas entre alguns privilegiados após a morte do autor tinham apenas oitenta capítulos, e não os cento e vinte da versão impressa de 1972 [...] Os quarenta capítulos são obras de um anônimo. (2005, p. 34-35)

O autor considera que a história da vida real de Cao Xueqin que traz situações trágicas e policiais como qualquer outro romance puramente ficcional pode ser grande fonte para a construção de uma boa narrativa ficcional.

A essa altura do comentário, Carvalho parecendo comentar sua própria experiência em relação à inserção de dados autobiográficos em seu romance **Nove Noites**, afirma de forma contundente que a arte não deve ser o resultado de meras vivências referenciais, o que resultaria numa obra meramente jornalística, ou que alentaria uma visão sensacionalista, configurando-se como espelho da realidade: tal narrativa, qual vida. Carvalho acredita que com a literatura é a mesma coisa. Pois assim como não se deve, em uma obra literária procurar sua explicação na vida do autor, na literatura é preciso aceitar, com fé, a invenção do universo em que os personagens atuam. Deve-se repudiar, portanto, o realismo puro e simples e a mera contaminação da ficção pela biografia, deixando-se de lado a crença fácil de que tudo pode ser explicado pela realidade.

A leitura das crônicas aqui destacadas deixa claro que para Bernardo Carvalho as obras que fazem sucesso, na maioria das vezes, são aquelas que trazem lazer e entretenimento e têm uma função utilitária, levantam cifras para o mercado editorial, ao contrário da 'verdadeira' literatura que emerge

desvalorizada e desprestigiada, pois insiste em refletir sobre certa visão de mundo. Também foi possível observar que, na opinião de Carvalho, elementos de menor importância, colaterais à criação artística, têm assumido a dianteira e ganhado a frente do palco, como, por exemplo, a superexposição da imagem do autor na mídia.

Assim, acreditamos possível, conforme nosso propósito inicial que era acompanhar os pontos de vista de Bernardo Carvalho, manifestos explicitamente, sobre a literatura e a produção cultural contemporânea, apontar algumas apostas do escritor-crítico. Carvalho aposta numa literatura que trabalha na contramão do mercado, do sucesso editorial, da superexposição do artista como um produto midiático. Contra a literatura do entretenimento ou da imitação, como vimos na crônica aqui analisada, o autor aposta na literatura da invenção, na excelência do texto para estimular a reflexão sobre o mundo e no autor, no artista, como inventor cujo produto tem mais a ver com o fracasso que com os ideais de sucesso valorizados pela lógica mercadológica. Uma escrita que pede reflexão opondo-se frontalmente a uma arte da imitação que sugere entretenimento e utilidade.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Bernardo. **O mundo fora dos eixos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.